

ADEUS A MR. ABBINK

RUBEM BRAGA

SABE-SE que mr. Abbink está profundamente irritado. As coisas, ao que parece, não lhe estão correndo aqui tão bem como lhe correram nas Filipinas e em Cuba, onde também andou com a sua sabedoria profundamente lastreada de ouro.

Encontrou, sem dúvida, entre os brasileiros que viu do outro lado da mesa, alguns tipos suaves, desses a que chamaremos "realistas", porque só acreditam na realidade ou na realização de seus próprios negócios. São homens que tendem a considerar utópicos ou extremistas, xenófobos ou agentes de qualquer outro imperialismo todos os que se põem a discutir a sério com os homens dos dólares. Com o dólar não se discute — deve ser a divisa feliz desses bem instalados senhores que no fundo só pensam em percentagens, comissões e representações...

Encontrou o sr. Abbink alguns tipos de brasileiros bastante incômodos. Trata-se de homens práticos e alertas, que estimam e desejam o capital e a técnica dos Estados Unidos — mas como fatores de enriquecimento e não de escravização do Brasil.

Que horror! Todos deveriam ser como aquele orador lírico da Bahia de Todos os Santos que pregou as belezas da vida campestre para a nossa gente. O relatório da Comissão de Desenvolvimento Industrial, que, nesta bela manhã de sol em que escrevo, mr. Abbink está discutindo muito a contragosto, é bem diferente. O desagrado com que o nosso gracioso mentor o recebeu outro dia acabou por contaminar, com sua irritação, todos os ânimos.

Houve quem dissesse que missões não devem ser intromissões, e outras barbaridades desse tipo. O que particularmente exasperou mr. Abbink foi a citação, feita por um líder industrial brasileiro, do recente discurso em que mr. Truman acenou com novas esperanças aos países economicamente fracos. Esse industrial — que teria sido, pelo que me contaram, o sr. Euvaldo Lódi — manifestou sua esperança de que o presidente Truman, em seu novo termo, possa pôr em prática a política de cooperação efetiva, tão diferente da política de colonização e escravização.

A indiscreção de uma pessoa presente aos debates — e mr. Abbink certamente desmaiaria de raiva e espanto se soubesse o nome e nacionalidade dessa pessoa — e que me chegaram por tabela, foram até o detalhe de uma declaração de mr. Abbink no sentido de que não veio ao Brasil para aprovar conclusões. Que coisa, afinal, veio fazer aqui esse misterioso cavalheiro? Uma viagem tão cara para nós e mesmo para ele e seus amigos, e tão enfadonha, tão cheia de incidentes como aquela retirada brusca de São Paulo, tão fértil em discussões longas e acirradas — para que?

Estou perfeitamente certo de que mr. Abbink não tem culpa de nada. Nós é que somos culpados do tempo e do dinheiro que com ele perdemos — e que afinal dariam bem para algum empreendimento útil. Proponho que se dê a mr. Abbink uma qualquer medalhinha da Ordem do Cruzeiro do Sul para ele não ficar muito zangado com a gente — e que se lhe deseje, no aeroporto, de todo coração, boa viagem. Quanto ao regresso, é melhor, francamente, que mandem outro. Um americano mais arejado, que entenda os tempos novos e que acredite que os americanos podem fazer bons negócios ajudando e não engabelando os outros.

6.2.49